



**Relatório Mensal**  
**Março – 2026**



Durante o mês de março os ativos de risco globais apresentaram desvalorização em função do agravamento do conflito entre EUA x Irã e da consequente explosão do preço do barril de petróleo, que ultrapassou US\$ 100. A possibilidade de manutenção dessa guerra por um período prolongado tem gerado preocupações para o cenário de inflação em nível mundial, o que tende a reduzir as expectativas de cortes de juros tanto nos EUA quanto no Brasil.

O enfrentamento entre os dois países já ultrapassou um mês de duração, com graves interrupções no fornecimento desta *commodity* causadas pelo fechamento do Estreito de Ormuz. A bolsa americana (S&P500) desvalorizou-se em 5,1%, enquanto o Ibovespa seguiu mostrando força e apresentou queda de apenas 1,8% em dólar (0,7% em reais), sendo destaque entre todos os mercados acionários, sejam eles desenvolvidos ou emergentes. Mesmo diante de um cenário de guerra, continuamos pelo terceiro mês seguido como um dos principais destinos para fluxos estrangeiros, com entradas de R\$ 11,7 bilhões em março e de R\$ 53,4 bilhões em 2026. Esse movimento permitiu ao Ibovespa encerrar o 1º trimestre/26 com alta de 16,25% no ano.

Até o fim de fevereiro, vivíamos um cenário, comentado nas cartas anteriores, com o excepcionalismo americano sendo questionado globalmente pela forma esdrúxula de gestão adotada por Trump. A consequência direta veio através de uma rotação global de recursos para outros mercados, principalmente emergentes, inclusive com a valorização de ativos reais. O Brasil, extremamente descontado sob a ótica fundamentalista, foi um dos maiores beneficiados por recursos externos.

Já a partir de março, a guerra gerou uma onda de aversão ao risco global, com o dólar se fortalecendo. Entretanto, diferentemente de outros choques, os juros dos títulos americanos subiram diante da possibilidade do efeito inflacionário causado pela alta do petróleo. Ou seja, o cenário projetado por enquanto não enxerga recessão, mas um pico inflacionário de curto/ médio prazo. Nos EUA, aumentam as chances de não ocorrerem mais cortes este ano e no Brasil, o piso de 12% a.a. para a Selic ao final de 2026 não parece factível atualmente.

Por outro lado, continuamos sendo uma das poucas economias do mundo que terão cortes relevantes de juros este ano, mesmo que agora em patamares inferiores ao que se projetava alguns meses atrás. A maioria das expectativas atuais trabalham com 12,50% a.a. e 12,75% a.a. para a taxa Selic terminal desse exercício.

Outro fator que surgiu com o início da guerra e que também seguiu beneficiando o Brasil guarda relação com o fato de sermos um grande produtor e exportador de petróleo, o que no cenário atual gera um impacto positivo tanto em nossa balança comercial como também em nossos números fiscais, o que compensa de certa forma as questões inflacionárias.

Além disso, comparativamente ao resto do mundo, temos uma matriz energética com grande exposição em energia renovável e pouca dependência em petróleo, reduzindo os

efeitos de um choque da *commodity* mais duradouro. Mesmo no quesito de segurança alimentar, somos um dos maiores produtores e exportadores globais tanto no agro como na pecuária, criando mais uma diferenciação positiva para outros emergentes.

Todos estes pontos ajudam a explicar o porquê de continuamos a receber fluxo positivo de recursos em março, apesar de toda a mudança gerada no curto prazo. A conclusão parece óbvia: quanto mais curta for a duração do conflito e mais rapidamente voltarmos ao cenário anterior, a tendência é que mais recursos continuem a ingressar na bolsa brasileira.

Externamente falando, o maior risco atual para uma mudança neste cenário favorável aos emergentes seria a continuidade da guerra por um longo período, aumentando a possibilidade de recessão nos países desenvolvidos. Teríamos nesse caso uma busca maior por proteção, com provável valorização do dólar e queda de moedas do 3º mundo. Por enquanto, este não é o cenário base do mercado, que ainda enxerga o choque do petróleo como temporário.

Em suma, somos uma das alocações preferidas entre todos os emergentes atualmente, pois temos uma economia robusta, recursos naturais, energia limpa e uma bolsa de valores relativamente líquida na comparação com outros mercados, com os setores de commodities e energia representando parte relevante do índice local, além de um setor financeiro robusto. Geopoliticamente, também estamos distantes das regiões em disputa.

A 1ª linha da bolsa brasileira segue apresentando valorização bem superior à performance das empresas locais de média liquidez, que dependem muito mais do fluxo interno, e, conseqüentemente, da perspectiva de queda da Selic ao longo do exercício. Seguimos com uma relação P/L projetada para 2026 na faixa de 9,7x, ainda abaixo de nossa média histórica de 11x e da média onde negociam os emergentes (14x), o que demonstra que nosso mercado segue descontado por fundamento econômico na comparação relativa. Portanto, analisando os fatores externos e internos de momento, seguimos com uma relação retorno x risco favorável à continuidade do investimento internacional.

## Gestão do portfólio (Rio Ações FIA)

Ações				
FUNDO	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO AÇÕES FIA	-0,85	15,06	43,62	1086,47
IBOVESPA	-0,70	16,35	43,91	321,45
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE				
	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,02	0,05	0,19	45,33
Large Caps	0,54	9,49	24,66	562,95
Mid Caps	-0,75	4,51	18,93	746,89
Small Caps	-0,48	1,57	2,54	40,96
Custos	-0,18	-0,56	-2,69	-309,66
<b>Total</b>	<b>-0,85</b>	<b>15,06</b>	<b>43,62</b>	<b>1086,47</b>

início: 26/10/2010 (fundo) 31/12/2006 (clube)

Em março, o Rio Ações FIA apresentou uma perda de -0,85%, enquanto seu *benchmark* registrou uma queda de -0,70%. No acumulado de 12 meses, o fundo apresenta um retorno de +43,62% contra +43,91% do Ibovespa.

As principais contribuições positivas ponderadas por seus respectivos pesos em carteira ficaram por conta dos desempenhos de Petrobrás PN (+1,94%), PetroRio ON (+1,20%) e JBS BDR (+0,44%). Já os destaques negativos vieram de nossas posições em Banco Inter BDR (-0,76%), Cyrela ON (-0,72%), Banco BTG Pactual Unit (-0,57%) e Itaú Unibanco PN (-0,56%).

Apesar da leve queda no mês, nossa carteira de ações conseguiu apresentar bom retorno relativo na comparação com a indústria de FIA's. Mantivemos durante todo o período uma participação média em torno de 15% do fundo em duas empresas do setor de petróleo (Petrobrás e PetroRio), que se beneficiaram deste cenário e apresentaram excepcional performance mensal e praticamente compensaram boa parte das perdas geradas por outros ativos. Para abril, seguimos diversificados através do posicionamento em 15 companhias e com viés positivo para a bolsa brasileira ao longo do ano de 2026.

Enquanto não tivermos uma definição melhor do conflito, com a abertura do Estreito de Ormuz em definitivo, manteremos nossas posições no setor de óleo e gás, função da forte melhora proporcionada na geração de caixa destas empresas com a alta da *commodity*. O período prolongado do conflito até o momento, com instalações produtoras sendo afetadas por um prazo entre 3 e 6 meses para a normalização de suas operações, já é suficiente para alterar o equilíbrio do preço médio projetado para o barril de petróleo em 2026. Se antes o mercado trabalhava com um faixa entre 60 e 65 dólares, atualmente as projeções já se encontram na faixa de 80 a 90 dólares/ barril, evento bastante positivo para a lucratividade projetada de Petrobrás e PetroRio no acumulado do ano em vigor.

## Gestão do portfólio (Multimercados)

Trading				
FUNDO	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
<b>RIO ARBITRAGEM FIM</b>	-0,03	1,90	13,18	523,80
<i>VS. CDI</i>	-2,79	55,84	89,12	90,33
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE				
	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,23	3,43	15,07	600,70
Trading	0,80	1,14	-1,91	34,87
Long/Short	-0,23	-0,47	-0,01	-0,41
Stock Picking (best ideas)	-1,65	-1,69	2,30	32,85
Custos	-0,19	-0,51	-2,27	-144,21
<b>Total</b>	-0,03	1,90	13,18	523,80

início: 24/05/2006

Trading				
FUNDO	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
<b>RIO ABSOLUTO FIM</b>	0,20	2,19	14,86	152,18
<i>VS. CDI</i>	16,28	64,10	100,48	81,73
ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE				
	% MAR/26	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,21	3,40	15,36	190,07
Trading	1,61	2,28	-3,77	-1,73
Long/Short	-0,47	-0,94	-0,07	-0,35
Stock Picking (best ideas)	-3,35	-3,44	4,12	16,82
Custos	1,19	0,88	-0,78	-52,64
<b>Total</b>	0,20	2,19	14,86	152,18

início: 30/12/2014

No mês em análise, o Rio Arbitragem FIM apresentou variação de -0,03% e ganho acumulado de +13,18% ao longo dos últimos 12 meses. Já o Rio Absoluto FIM apresentou valorização de +0,20% em março e retorno positivo de +14,86% em sua janela móvel anual.

## Destaques por Estratégia

### 1) Rio Arbitragem FIM

- Trading (+0,80%);

**Destaques positivos:** venda de Ibovespa futuro (+0,32%) e venda de S&P futuro (+0,47%);

- Long x Short (-0,23%);

**Destaques negativos:** compra de ITUB4 x venda de ITSA4 (-0,15%) e compra de PETR4 x venda de PETR3 (-0,06%);

- Stock Picking (-1,65%);

**Destaques negativos:** compra de AALR3 (-0,92%) e compra de INBR32 (-0,51%);

### 2) Rio Absoluto FIM

- Trading (+1,61%);

**Destaques positivos:** venda de Ibovespa futuro (+0,65%) e venda de S&P futuro (+0,94%);

- Long x Short (-0,47%);

**Destaques negativos:** compra de ITUB4 x venda de ITSA4 (-0,30%) e compra de PETR4 x venda de PETR3 (-0,14%);

- Stock Picking (-3,35%);

**Destaques negativos:** compra de AALR3 (-1,85%) e compra de INBR32 (-1,04%);

## Equipe Rio Gestão de Recursos

